

A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DE CONCEITOS BOTÂNICOS DE FORMA TEÓRICA – PRÁTICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NAS TURMAS DE EJA

Naiara Fernanda de Melo¹; Daniele da Rocha ferreira²; Karolayne Larissa da silva Andrade³; Larissa Barbosa Albino da Silva⁴; Orientador (4)

¹ Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Mata Norte. naiara117@hotmail.com

² Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Mata Norte. danielerocha14@gmail.com

³ Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Mata Norte. karolaynelarissa15@gmail.com

⁴ Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Mata Norte. llarissaalbino@gmail.com

RESUMO

Tem-se observado que a evasão no ensino da Educação de jovens e adultos é um problema frequente, por consequência da prática utilizada pelos professores em sala de aula, que torna as aulas desmotivadoras. O que levou a uma análise na forma em que profissionais da educação atuam com o público do EJA, tivesse a percepção de que seu método de ensino não supria as necessidades que os mesmos buscavam, de maneira que aproveitassem seus conhecimentos empíricos, ocasionando assim e sendo responsáveis por uma grande desistência. Pensando nisso foi realizada na turma de EJA, na cidade de Paudalho - PE, na Instituição Educacional de rede pública, Colégio Municipal do Paudalho, localizada a 45 km da capital Recife - PE, uma aula teórica-prática com foco nas estruturas morfológicas interna e externa da flor de hibisco. O objetivo do mesmo foi tornar a aula do ensino de EJA motivadora, aguçando nos estudantes um maior interesse sobre o tema em foco. Este trabalho foi realizado com a utilização de materiais simples encontrados na própria instituição e em seus arredores, mostrando que é possível a realização de aulas mais dinâmicas e mais atrativas. A prática proporcionou aos mesmos uma experiência onde puderam executar na prática tudo aquilo que lhes foram apresentados na teoria. Pode-se observar que em relação às aulas anteriores onde não ocorria essa interação entre teoria e prática, os resultados não foram tão satisfatórios quanto aos apresentados quando se fez uso da atividade aqui relatada.

Palavras Chaves: Didática, EJA, Morfologia das Flores.

INTRODUÇÃO

De acordo com Figueiredo (2012), a dificuldade de ensinar por parte dos professores estaria ligado à complexidade da disciplina ao apresentar terminologias que muitas vezes estão distantes da realidade dos alunos. Ainda de acordo com o autor, os currículos e práticas pedagógicas utilizadas no ensino de Botânica são reproduções do ensino acadêmico ocorrido na formação dos professores o que causa essa incompatibilidade na troca do conhecimento entre professor e aluno.

Segundo Rodrigues (1995) e Silva (2014), o trabalhador- estudante busca, no espaço escolar, pensar, refletir, calcular e planejar, o oposto ao que ele faz durante o dia, no trabalho, em que executa, efetua e realiza. Esses estudantes vão às escolas em busca de informações que os auxiliem no dia-a-dia, na luta pela sobrevivência e para obter formação atualizada (SILVA, 2014). No entanto, os profissionais da Educação de Jovens e adultos tendem a levar a mesma metodologia de ensino do regular para sala de aula.

Os autores ainda dizem que: “a desmotivação acarreta um prejuízo muito grande para a aprendizagem efetiva dos alunos e, portanto, exige um trabalho para que os professores

refletissem sobre suas práticas em sala de aula para a criação de expectativas positivas, uma metodologia que evocasse a motivação, num esforço coletivo dos educadores, para reverter esse quadro”.

Paulo Freire nos lembra que uma educação libertadora possibilita ao sujeito o reconhecimento de sua condição de oprimido e a luta pela condição de liberdade. No livro *Pedagogia do Oprimido*, ele diz:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação que não chegaram por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 1987, p. 31-32).

Pensando nisso, desenvolveu-se uma temática onde foi aplicado de forma teórica o conteúdo de morfologia externa das flores, e posteriormente a mesma foi realizada de forma prática e lúdica.

Dessa forma, faz-se necessário um maior contato dos estudantes com os vegetais através de aulas práticas, ou ainda, do desenvolvimento de ações com os alunos voltados para pesquisa, o que qualifica o processo de aprendizagem visando um acréscimo nos conhecimentos sobre a flora brasileira e suas diversificações, além de, uma gestão responsável dos recursos explorados (ARAÚJO & MIGUEL 2013).

Sendo assim, o presente trabalho relata a importância da abordagem de conceitos botânicos, com a utilização da prática para uma melhor elaboração da aula, visando um maior aproveitamento para os estudantes da Educação de jovens e adultos.

METODOLOGIA

O trabalho iniciou-se com a aplicação teórica do conteúdo sobre a Morfologia externa das flores, com o intuito de aproximar mais os alunos da vasta diversidade dos vegetais. Por se tratar de um assunto muitas vezes de rejeição por parte dos mesmos, foi construída uma atividade onde aguçasse a curiosidade deles.

A aula teórica foi constituída de forma que abordasse o conteúdo de maneira ampla, dando ênfase nas estruturas externas morfológicas como: estilete, estames, sépalas, pétalas, pedúnculo, entre outros conjuntos presentes na morfologia interna e externa das flores.

A flor utilizada para prática foi a popularmente conhecida como Papoula, cientificamente chamada de Flor de Hibisco. Por ser diagnosticada pelos próprios alunos como sendo uma flor de fácil acesso para maioria. E também, por apresentar de forma “vulgar” todas as estruturas necessárias para realização de uma aula prática-teórica.

Na aula teórica foram utilizados os seguintes materiais: data show, material xerocado contendo o conteúdo, quadro branco, piloto.

O data show foi utilizado para explanação do assunto onde foram apresentados de forma clara e objetiva o tema em foco, onde possuía cerca de 15 (quinze) slides, todos contendo várias imagens ilustrativas e textos reduzidos onde continha a definição básica e clara, pensando em uma melhor compreensão, sem tornar a aula cansativa.

No material xerocado continha o assunto de forma reduzida para que eles pudessem acompanhar a explanação do tema da aula, contendo introdução, objetivos gerais e específicos

do plano de aula e uma breve metodologia do que aconteceria na aula prática. O quadro branco e o lápis piloto serviram para algum tipo de complementação que se fez necessário.

Ao término da teoria pode-se dar início a prática, que foi reproduzida na própria sala, os materiais utilizados para realização da mesma foram os seguintes: Flores de hibisco, folha de papel ofício, lâmina, fita durex, lápis e lupa.

Divididos a turma em 6 (seis) grupos de 5 (cinco), totalizando 30 (trinta) alunos presentes em sala de aula, onde puderam analisar, classificar e identificar todas as estruturas abordadas na aula teórica, foram dadas as informações necessárias para que pudessem manusear as lâminas, separando cada estrutura e fixando-as com fita durex na folha de ofício disponibilizada pelo professor ministrante da prática, em seguida o grupo ficou responsável por descrever com o auxílio do lápis cada estrutura apresentada de acordo com toda teoria elaborada.

RESSULADOS E DISCUSSÃO

O educador ao ligar o conteúdo das ciências às questões do cotidiano torna a aprendizagem mais significativa. As oficinas pedagógicas realizadas durante as aulas se desenvolvem apoiadas nas vivências dos alunos e dos fenômenos que ocorrem a sua volta, buscando examiná-los com o auxílio dos conceitos científicos pertinentes. É através de um ensino investigativo, provocativo que o aluno começa a pensar e a refletir sobre o processo de construção do conhecimento (FREIRE, 1987).

Sendo assim, foi observado que os alunos da educação de jovens e adultos, demonstraram grande interesse tanto na aula teórica realizada antes da oficina quanto na atividade lúdica relacionada à mesma, por se tratar de conceitos e conhecimentos que fazem parte do seu dia a dia, estando inserido na paisagem natural que se encontra presente na realidade de cada um deles.

Muitos relataram que não sabiam a dimensão de funções e estruturas que a flor de Hibisco, popularmente conhecida por Papoula possuía. Durante a explicação os alunos demonstravam curiosidade, de como uma única flor considerada por eles mesmos como simples e encontrada no próprio entorno na escola podia conter tantas estruturas que exercem funções semelhantes as nossas, porém com mecanismos bem distintos.

Alguns relataram que tinham a percepção de que a flor era um ser morto, que não reproduzia, não possuía uma parte feminina e uma masculina, que não continha um ducto que ligava o estigma até o gineceu, não sabiam que as sépalas eram responsáveis por unir as pétalas e proteger o ovário, nenhuma dessas funções era conhecida por eles antes da aula realizada e da prática disposta.

Segundo Andrade e Massabni (2011), essas atividades permitem adquirir conhecimentos que apenas a aula teórica não proporcionaria, sendo compromisso do professor, juntamente à escola, oferecer essa oportunidade para a formação do aluno. Essas atividades na aula de Ciências são consideradas uma ferramenta fundamental para dar continuidade e favorecer a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000).

Podemos assim ter a percepção de que através da oficina construída em sala os alunos se identificaram melhor com o tema abordados, favorecendo assim a continuidade e a aprendizagem. A aceitação do tema e da prática foi geral, tendo assim a visão de que os estudantes se sentiram mais atraídos e motivados em estarem no âmbito escolar com teoria e prática trabalham juntos para uma melhor execução do plano de aula.

CONCLUSÃO

Diante dos argumentos apresentados, pode – se constatar a importância da prática em forma de oficina, para os estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos), como complemento e auxílio para o ensino em questão, da morfologia interna e externa da flor de Hibisco. Sendo a mesma utilizada como material paradidático. Tal prática apesar de cientificamente restrita a área morfológica de uma planta se encontra ligada a realidade dos envolvidos pelo fato da flor em especial, se encontrar nas partes ao entorno da instituição campo onde foi realizada a oficina. Concluímos assim que a junção entre teoria e prática tem grande relevância no ensino de ciências nas turmas de EJA, por apresentar resultados positivos em relação a aceitação do assunto e fixação do mesmo, por parte dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. F.; MASSABNI, V. G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: Um desafio para professores de Ciências. **Ciência & Educação**, v.17, n.4, p. 835-854, 2011.

ARAÚJO M. S. & MIGUEL J. R. **Herbário Didático no ensino da Botânica. In: I Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: questões atuais**, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais**. 2. ed. Rio de Janeiro: DO & A, 2000.

CARVALHO, L. M. C.; DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. PENTEADO, M.; TANURI, L. M.; LEITE, Y.F. e NARDI R. Pensando a licenciatura na UNESP. Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente, ano 9, n.9/10, p. 211-232, 2003.

CAMPOS, L. M. Lunardi. O saber da experiência docente na formação inicial de professores: o estágio na Sala 14. 1998. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 1998.

EDUCAÇÃO, Mundo. Morfologia da flor. 2018. Disponível em: <munodoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/flor.htm>. Acesso em: 26 abr. 2018.

FIGUEIREDO, J. A.; COUTINHO, F. A.; AMARAL, F. C. O ENSINO DE BOTÂNICA EM UMA ABORDAGEM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE. IN: Anais do II Seminário Hispano Brasileiro - CTS, p. 488-498, 2012.

FILHO, A. P. O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente. Revista P@rtes. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/estagiosupervisionado.asp> Acesso em: 01 de novembro de 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido.11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAGALHÃES, COUTO., A., Polinização, Disponível em: <https://www.todabiologia.com/botanica/polinizacao.htm>, Acessado em: 10 de Abril de 2018.

RODRIGUES, E. M. (1995). Ensino noturno do 2º grau; o fracasso da escola ou a escola do fracasso. **Educação e Realidade**, v.20, n.1, jan/jun.

SANTOS., V., S., A Flor e os Polinizadores, Disponível em: <https://biologianet.uol.com.br/botanica/a-flor-os-polinizadores.htm> , Acessado em 10 de Abril de 2018.

SANTOS, V., S., Agentes polinizadores, Disponível em: <http://munodoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/agentes-polinizadores.htm>, Acessado em 09 de Abril de 2018.

SILVA, M. E. (2014). **Uma proposta de ensino de física para turmas noturnas**. Dissertação de mestrado, Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Disponível

em:

<http://www.if.ufrj.br/~pef/produção_academia/dissertações/2014_Marcelo_Elias/dissertacao_Marcelo_Elias.pdf>. Acessado em: 03 de setembro de 2018.